

A entrevista de pesquisa com jornalistas

Introdução

Nadège Broustau

Université du Québec à Montréal,
GRMJ & CRPCM
broustau.nadege@uqam.ca

Valérie Jeanne-Perrier

Université Paris-Sorbonne,
CELSA-GRIPIC
valerie.jeanne-perrier@celsa.paris-sorbonne.fr

Florence Le Cam

Université libre de Bruxelles,
ReSIC & CRAPE
flecam@ulb.ac.be

Fábio Henrique Pereira

Universidade de Brasília
fabiop@gmail.com



mobilização de entrevistas nas pesquisas sobre jornalismo é uma prática corrente, rapidamente evocada em trabalhos de pesquisadores, como se a entrevista fosse uma ferramenta transparente, que não precisasse ser problematizada. O essencial, nesse caso, seria produzir e, em seguida, restituir um material coletado por meio da entrevista sob a forma de dados que devem servir como uma alavanca nos processos de demonstração e de desvendamento de realidades midiáticas contrastadas. A análise das especificidades das entrevistas com profissionais da mídia faz falta nas pesquisas conduzidas em diferentes disciplinas que têm como objeto comum o jornalismo.

É essa ausência e essa “*lacuna epistemológica e metodológica*” que pretendemos questionar e buscar preencher. Este dossiê nasceu de uma jornada de estudos sobre a metodologia de pesquisa em jornalismo realizada na Universidade de Brasília em 28 de abril de 2011. Intitulado *A entrevista de pesquisa com jornalistas: espelho, ficção e transferências?*, o encontro encerrou um colóquio internacional sobre as mudanças estruturais no jornalismo (Atas do Colóquio Mejor, 2011). Nele, buscamos confrontar pesquisadores de várias áreas, oriundos de três territórios nacionais (França, Canadá e Brasil) e *experts* em metodologia de pesquisa, e o público do Colóquio, composto por especialistas nos estudos sobre o jornalismo. As intervenções feitas no

Pour citer cet article

Référence électronique

Nadège Broustau, Valérie Jeanne-Perrier, Florence Le Cam, Fábio Henrique Pereira, « A entrevista de pesquisa com jornalistas », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 1, n°1 - 2012, mis en ligne le 15 septembre 2012. URL : <http://surlejournalisme.com/rev>

Colóquio foram, mais tarde, complementadas por uma chamada de trabalhos realizada junto a outros pesquisadores de diferentes disciplinas.

Os artigos propostos são, portanto, o cruzamento de uma interrogação metodológica sobre o lugar e as dinâmicas envolvidas no encontro entre um ou mais pesquisadores e jornalistas, bem como das especificidades eventuais desse domínio profissional. Se os estudos sobre o jornalismo têm adquirido cada vez mais visibilidade se constituindo enquanto um domínio científico, torna-se importante discutir as condições de produção das investigações que fundamentaram tais resultados. Como pesquisadores do campo do jornalismo, temos feito referência na maioria das vezes a obras e textos metodológicos mais gerais sobre pesquisa, tanto quantitativas como qualitativas, e que nos dão pistas, linhas de conduta, formas de fazer, frequentemente adequadas, mas dificilmente personificadas em nossos estudos de caso.

Essa situação dá origem a um sentimento frequentemente partilhado de experimentação por meio de apropriações metodológicas em que as escolhas e as modalidades de apreensão do campo são fortemente intuitivos. Procedemos com frequência por meio de analogias com pesquisas realizadas em outras disciplinas, nos inspirando nelas, ao mesmo tempo em que tentamos considerar o caráter específico e original dos nossos objetos midiáticos e jornalísticos.

Este dossiê, que integra o primeiro número da revista *Sobre jornalismo – About journalism – Sur le journalisme*, quer incentivar a realização de uma discussão coletiva sobre esse processo de apropriação da entrevista nos estudos da área – o que muitas vezes acontece de forma precipitada. A escolha que fazemos de convidar especialistas de peso no domínio dessa metodologia que estão, na maioria das vezes, distantes dos nossos objetos, aparece como um primeiro passo para nos inspirar coletivamente sobre a forma como os outros fazem esse tipo de pesquisa, ao mesmo tempo em que discutimos nossas próprias singularidades.

Os textos propostos retomam reflexões epistemológicas sobre a razão de ser da entrevista em ciências sociais, reflexões metodológicas e práticas sobre as modalidades de troca em uma situação de entrevista, bem com as perspectivas sobre o estatuto atribuído à fala coletada pelo pesquisador. Por meio de experiências de pesquisadores habituados a trabalharem com objetos jornalísticos (G. Bastin, M. de Souza Castilho, B. Damian-Gaillard, A. Alves de Abreu) e de pesquisadores de ciências sociais externos a esse domínio de pesquisa (B. Lahire, D.

Demazière, J. Poupart, P. Paillé et M.-H. Forget), pretendemos, neste número, propor um retorno multifocal sobre as dinâmicas da mobilização da entrevista nas pesquisas sobre as profissões da mídia e do jornalismo. O conjunto de textos se entrecruza e expressa uma vontade de diálogo. Coloca-se como um guia de pesquisa, promovendo a discussão de metodologias específicas e o debate sobre as dificuldades encontradas pelos autores. Essas perspectivas estão no âmago dos nossos questionamentos iniciais que tratam das razões epistemológicas da prática da entrevista, das modalidades de troca e suas particularidades na relação entre entrevistador e sujeito respondente, e, enfim, na transcrição de palavras e no uso das falas geradas no momento de reconstituição do trabalho científico.

Os diferentes textos revelam uma validação parcial da nossa hipótese inicial sobre a existência de uma especificidade associada à mobilização das entrevistas com jornalistas, vistos como especialistas da palavra. Alguns autores mostram claramente como, nesse tipo de interação “comandada” e enquadrada pelas representações dos participantes, se negociam sempre lugares, sejam as funções ou os papéis de cada um. Também se discute bastante as modalidades de restituição do que se é confiado por ocasião desse tipo de troca: os jornalistas, frequentemente, possuem um conhecimento refinado das práticas de entrevistas, ficam inquietos com as modalidades de restituição da fala, e vão, em alguns casos, negociar em número e grau durante uma entrevista os direitos de revisão dos resultados da pesquisa.

A entrevista nas pesquisas sobre o jornalismo

Nos últimos anos, as pesquisas sobre jornalismo, realizadas no Canadá, Brasil e França, têm sido ancoradas em abordagens definitivamente qualitativas, em que se leva em conta não só as atitudes e ações do pesquisador, mas permitem ainda perceber as pessoas – objetos de pesquisa – por meio de suas histórias sociais, de suas trajetórias e dos discursos que elas produzem. Conduzir estudos sobre o jornalismo apresenta, em vários momentos, o ar de um metadiscorso sobre uma prática social. Na medida em que o jornalismo, do ponto de vista científico, passa a ser considerado cada vez mais como uma prática discursiva, ou mesmo sociodiscursiva (Ringo et Utard, 2005; Brin, de Bonville et Charron, 2004; Chalaby, 1998; Zelizer, 1993), o pesquisador se vê obrigado a fazer um esforço constante para se situar em um patamar onde revela as condições de produção do discurso dos jornalistas, do seu conteúdo, dos seus efeitos, das suas intenções (Charron e Jacob, 1999).

Nas análises das práticas jornalísticas e dos mundos profissionais da mídia, o comportamento, as atitudes, as produções discursivas dos jornalistas devem ser compreendidos em sua relação com as significações que esses jornalistas dão ao mundo material e à suas ações (Pourtois e Desmet, 1988). Essa perspectiva deu origem, nos anos 1970, à emergência de uma nova abordagem sobre o jornalismo, a partir do que Nelson Traquina (2001) denomina os estudos etnoconstrutivistas sobre a produção e a construção das notícias. Ela se concentra na análise de um conjunto de interações entre os agentes sociais envolvidos na produção jornalística – os jornalistas, as fontes, os públicos, etc. E se apoia em uma dimensão plural dessa prática, em uma visão socio-centrada, que leva em considerações o conjunto de atores, e não apenas os jornalistas que participam da produção da informação (Molotch e Lester, 1974; Motta, 2005; Ruellan, 2006; Schlesinger, 1992). A partir dos anos 1970, essa orientação se difundiu amplamente em diferentes contextos científicos nacionais.

As pesquisas em jornalismo também são notadamente trabalhadas a partir das representações que os pesquisadores podem ter sobre o fazer jornalístico: o jornalismo visto como um pedestal da democracia, associado à liberdade de informar, como um campo profissional, como uma prática autoral, ou ainda como uma prática consideravelmente constrangida pelas interdependências econômicas, políticas, culturais... Todas essas concepções orientam, é claro, não apenas os fundamentos teóricos do trabalho de pesquisa, mas também as escolhas metodológicas.

A utilização das falas dos jornalistas se tornou progressivamente um material a partir do qual os pesquisadores conduzem suas análises e tentam compreender as representações, normas, mutações, intenções e processos em curso. Ao fazerem isso, as entrevistas permitem ordenar e reconstruir experiências, buscando criar sistemas coerentes de narração e interpretação dos fatos. Contudo, embora sejam amplamente explicitadas e utilizadas pelas ciências sociais (Gil, 1999; Mann, 1970; Asa Berger, 2000; Bertrand e Hughes, 2005; Grawitz, 2000; Horning Priest, 1996; Huberman e Miles, 1984; Lindlof, 1995, etc.) a ponto de haver uma ampla produção sobre as formas de conduzir e de se portar durante uma entrevista em outros campos de pesquisa, tal método ainda tem sido bastante utilizado nos estudos sobre o jornalismo como uma operação simples de coleta de dados oriundos de um campo de pesquisa ou ainda como uma técnica aprendida no meio profissional e transposta diretamente à prática de investigação. Uma das particularidades das pesquisas em jornalismo é que elas foram, durante muito

tempo, realizadas por pesquisadores e por professores, no Brasil, Canadá e França, originários de uma trajetória profissional nos meios de comunicação e que tiveram uma formação em jornalismo. Por isso, poucas interrogações foram feitas sobre o próprio exercício da entrevista, o momento de sua realização, a situação de encontro com o entrevistado, a sequência do que deve ser feito durante a análise. Tais elementos não foram realmente objeto de discussão no nosso campo de pesquisa. Apenas autores como Jean-Baptiste Legavre, em um trabalho sobre a questão da neutralidade da pesquisa com jornalistas, Plesner (2011), ao abordar as dinâmicas de poder entre sociólogos e jornalistas, ou, de forma ainda mais distante, algumas pesquisas que tratam das escolhas da amostragem de jornalistas em uma pesquisa (Scholl, 1996) permitem aos pesquisadores em jornalismo encontrar algumas referências sobre o assunto.

As modalidades e as dinâmicas da troca

A entrevista atravessa e alimenta interações e dinâmicas complexas em torno de uma variedade de assuntos. Isso é ainda mais claro quando se trata de um encontro com profissionais da fala e do discurso, como os jornalistas. A entrevista é uma modalidade e uma dinâmica de trocas em um espelho entre atores com objetivos variados. É, ao mesmo tempo, um relação ambígua com os próprios sujeitos-entrevistados, que frequentemente conduzem entrevistas com suas fontes.

A entrevista constitui-se em um material que deve ser mobilizado e trabalhado. Deve-se fugir à tentação de recorrer apenas ao uso de algumas citações capazes de reforçar as hipóteses do pesquisador. Ela também é um discurso a ser analisado, tratado por meio de práticas da escrita em pesquisa, que possuem efeitos não apenas sobre o “o dado real a ser pensado”, mas também sobre a própria recepção pelos demais pesquisadores e entrevistados. São palavras delegadas e modeladas pelo processo metodológico utilizado.

Nesse sentido, a entrevista permite considerar os discursos dos jornalistas como produções constantemente retrabalhadas pelas atividades de comunicação que atravessam seus mundos e remetem a uma outra forma de expressão do jornalismo. Por meio dos discursos individuais, é o próprio jornalismo como atividade que se constrói, se produz e se reproduz. A fala dos jornalistas é, como a de outros profissionais, ao mesmo tempo uma produção coletiva, um traço da história do grupo e uma expressão de uma individualidade. Pistas para a compreensão desse fenômeno nos são propostas pelos autores

presentes neste dossiê: o trabalho sobre a vivência proposto por Pierre Paillé e Marie-Hélène Forget, a reflexão sobre a variedade dos sujeitos-pesquisados presente no texto de Didier Demazière, a possibilidade de se inspirar no trabalho de um coletivo de pesquisadores como faz Bernard Lahire, ou ainda as reflexões sobre o método propostas por Jean Poupart. As experiências reflexivas desses autores permitem o ajuste, sob a forma de um espelho, das reflexões dos pesquisadores em jornalismo. O testemunho de Béatrice Damian-Gaillard é, nesse caso, ilustrativo de um esforço sempre necessário de restituição das condições e das etapas anteriores ao encontro com os “entrevistados”. O acesso à entrevista de pesquisa com sujeitos-respondentes torna-se, portanto, tão revelador como o desenrolar dessas entrevistas. Essas etapas revelam, em parte, as dinâmicas e as motivações que devem ser respondidas nesse tipo de solicitação social.

O meio midiático é prolixo em discursos reflexivos. As associações profissionais, os organismos deontológicos, os órgãos sindicais, a própria mídia ou ainda os observatórios de imprensa e da mídia disputam entre si e com os pesquisadores a legitimidade de analisar os meios de comunicação e o jornalismo.

Como ilustra o texto de Gilles Bastin, a dinâmica da construção de um espaço de diálogo entre pesquisador e jornalista passa, em primeiro lugar, por um reconhecimento recíproco das legitimidades de cada um em lançar um olhar crítico sobre o jornalismo. Ora, as ligações entre os meios jornalístico e acadêmico são marcadas pela chancela de uma incompreensão de abordagens e pelas dinâmicas e os objetivos de cada um dos dois mundos. Se os pesquisadores adotam frequentemente uma postura distanciada e metamidiática, dentro de uma preocupação de compreensão e de análise das práticas, os jornalistas podem perceber estes últimos como pessoas que pretendem “dar lições”, especialistas incapazes de conhecer a prática, os constrangimentos concretos dos atores envolvidos. O pesquisador deve encontrar as modalidades adequadas para ter acesso à fala de um jornalista que se situa, nesse momento e da mesma forma que outras categorias de respondentes, em uma postura invertida com relação às suas interações tradicionais. De fato, ele se encontra em uma posição de entrevistado, mas também conhece as sutilezas dessa prática, o que lhe permite antecipar, às vezes de forma considerável, as respostas esperadas, ou pretensamente esperadas. Essa situação não é única. Neste dossiê, as entrevistas realizadas por Didier Demazière com profissionais da política sublinham também essas dinâmicas, o que torna necessário um trabalho de contra-interpretação pelo pesquisador.

Esse jogo se situa também no nível do uso de um jargão profissional conhecido pela linguagem corrente e notadamente pela academia, de expressões como “ângulo”, “gênero”, e “furo” jornalístico, etc, e também nas práticas profissionais (como a hierarquização da informação, a construção de um produto jornalístico, a escolha das fontes) que passam por naturais. Neste plano, o jornalista pode, às vezes, ter problemas em atribuir ao pesquisador o interesse pela desconstrução desses usos e práticas. Afinal, os jornalistas têm a impressão de já terem estabelecido uma relação inconsciente sobre elas e, portanto, de já terem realizado sua desconstrução. E, contudo, o ponto central da realização de entrevistas é justamente o de atribuir novamente às falas geradas o status de dados a serem desconstruídos e analisados.

É em meio a esses jogos de espelho que é possível construir estratégias reflexivas para desativar as tensões que aparecem no decorrer das trocas. A noção de espelho pode, em uma situação de entrevista, designar, por um lado, uma forma de relançamento baseado na repetição (o reflexo) ou na clarificação. Pode ainda, em uma dimensão mais ampla, designar a função que se atribui ao entrevistador de uma conversa não estruturada, seguindo o modelo desenvolvido por Rogers (1961). Ou seja, permite funcionar como um espelho que possibilitaria ao entrevistado assumir sua própria imagem. Para o pesquisador, numa analogia à imagem do terapeuta utilizada por Rogers, isso significa reformular, esclarecer os sentimentos exprimidos para positivar as posições do entrevistado, de forma a levar a uma tomada de consciência do que ele acaba de dizer (e, em uma relação de ajuda inspirada em Rogers, de encontrar uma solução). De acordo com esse posicionamento, em pesquisas sobre o jornalismo, o pesquisador e o entrevistado encontrariam, na entrevista, uma relação maiêutica bilateral, na qual cada um permitiria ao outro exercer e acreditar em seu julgamento reflexivo face à sua prática profissional (de pesquisador ou de jornalista). No caso de terrenos de pesquisa de difícil acesso, as relações entre esses dois atores se estabelecem pela forma como o pesquisador inventa novas formas de se aproximar dos entrevistados e de apreender o objeto de pesquisa, conforme explica, com habilidade, Béatrice Damian-Gaillard em seu projeto sobre a imprensa pornográfica. Em seu trabalho, a autora analisa os reflexos recíprocos do íntimo e da vida privada no contexto de uma entrevista.

A situação de interação durante a entrevista pode também ser um terreno de trocas para ativar ou reativar modalidades de interação dominante (segundo gênero, idade, trajetória das pessoas presentes, o veículo ou a universidade nas quais os atores tra-

balham). Ao fazer isso, a entrevista serve potencialmente para outros objetivos tanto para os pesquisadores como para os jornalistas. Os primeiros podem, por exemplo, analisar certas determinações ideológicas. Os segundos podem explicitar atitudes comuns ao seu campo profissional. Também permite questionar o grau de familiaridade do entrevistado com o que ele percebe como sendo um objeto de pesquisa – quando, finalmente, o objeto de pesquisa é, durante a realização da entrevista, o próprio entrevistado.

Como em outros estudos realizados em ciências sociais com médicos, assistentes sociais, etc, o pesquisador em jornalismo é confrontado com a grande familiaridade do respondente com o uso e a praxe da entrevista. Mas ele não deve, nesse caso, atribuir ao entrevistado um grau de competência sobre o objeto que ele efetivamente não possui – o que Festinger e Katz (1974) chamam de “*erro do especialista*”. É possível dizer que o pesquisador em uma interação com o jornalista durante a entrevista é confrontado com essa possibilidade de erro do especialista em razão da própria natureza desse exercício. Isso fica bem evidente em uma das reflexões de Jean Poupart, que retoma os princípios da precaução e da desconstrução face aos efeitos de imagens recebidas no decorrer das interações. Nesse sentido, o pesquisador em jornalismo pode enfrentar, durante a entrevista, uma situação de quase-performance jornalística, sendo esta elaborada segundo um modelo midiático que se impõe até o momento de redação e de restituição dos resultados da pesquisa.

Estatutos e usos dos discursos gerados

O estatuto da fala gerada junto aos jornalistas em uma pesquisa coloca questões fundamentais. A análise dos dados deve levar em conta estratégias de aprofundamento e de exploração das experiências da pessoa entrevistada (Poupart, 2008). Como explica Bernard Lahire nesta edição da Revista, o pesquisador individual, ou aquele que trabalha em um coletivo de pesquisadores, deve ser compelido a fazer uma autoavaliação do processo de produção das entrevistas, buscando a percepção que a pessoa estudada teve dessa situação, investigando estratégias argumentativas forjadas segundo o estatuto do entrevistador, e analisando os ajustes operados pelos respondentes na narrativa das suas experiências em um contexto de interação, sobretudo pelo fato de que “*novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação de base evocadas*” (Bosi, 2006: 66) pelo respondente durante uma entrevista. Por meio de uma pesquisa em que analisa as histórias orais de jornalistas que atuaram durante o período de transição do regime militar para a democracia no Brasil,

Alzira Alves de Abreu expõe as dificuldades de uma pesquisa quando os testemunhos gerados buscam, antes de tudo, reforçar mitos, esquecer realidades determinantes, excluir certos fatos ou ações.

“*Os contextos discursivos do locutor*” como assinalados por Blanchet (1985: 14) devem ser, portanto, considerados. O estatuto do jornalista, sua propensão em se ajustar à representação do pesquisador, sua trajetória pregressa ou atual (vários jornalistas possuem formação em jornalismo, o que cria uma proximidade com os pesquisadores e seus trabalhos), sua prática reflexiva, etc, são elementos centrais da análise da fala gerada. Descrever esses contextos discursivos e reinscrevê-los em uma narrativa metodológica de restituição que consiste na redação de uma pesquisa são elementos que participam da elaboração do conhecimento científico. Trata-se, nesse caso, de aceitar a ideia de que a entrevista, como método, perfaz necessariamente uma atividade de “*reencenação*” (Charmillot e Dayer, 2007), passando por materialidades, transferências, sobretudo por uma redação específica que conta como foram originados os dados, bem como as relações que são estabelecidas entre eles e as etapas e locais atribuídos aos materiais gerados. O retorno e a restituição da pesquisa, mesmo quando não são previstos no protocolo de investigação, tornam-se também, como mostra Gilles Bastin, um material que revela sobre o respondente e os seus contextos discursivos.

Os discursos coletados em uma entrevista com jornalistas seriam mais produtivos se fossem realmente considerados como corpus de discurso, suscetível a ser, por sua vez, objeto de uma análise de discurso. O que é algo relativamente raro. As análises do discurso trabalham frequentemente o “*texto*” midiático. E os estudos realizados a partir de entrevistas às vezes deixam de lado o próprio conteúdo dos meios de comunicação que modelam os respondentes. Ora, considerar a entrevista como um verdadeiro material de análise discursiva possibilitaria abandonar o seu status de simples fala ingênua. Ela poderia servir de exemplo, de índice, de discurso, de reconstrução.

A entrevista pode, de fato, ser analisada do ponto de vista da temporalidade dos indivíduos, de suas vivências como sugerem Pierre Paillé e Marie-Hélène Forget, mas também, e sobretudo, por meio de um procedimento dialógico e interdiscursivo. Nesse sentido, o que precisa ser frequentemente abordado não é tanto a personificação individual em um tempo preciso da fala e da ação do ator, mas a riqueza intrínseca do discurso do outro, quando ele é fundamentalmente construído por discursos anteriores (que ele constrói às vezes, veicula frequentemente,

e no qual ele reproduz constantemente). E, sobretudo, pelos discursos contemporâneos ou que estão por vir (no local do indivíduo em seu contexto, em mobilidade do seu ambiente, nas estratégias individuais ou coletivas relativas ao seu meio). Essa abordagem, de inspiração bakhtiniana, pode ser uma das modalidades, dentre outras, de entrever o que fundamenta a riqueza do discurso do indivíduo. Marcio de Souza Castilho mostra, nesse sentido, que as entrevistas também servem para restituir os discursos à sua historicidade. Ao cruzar duas metodologias, a análise documental e a realização de entrevistas com jornalistas, o autor consegue nos revelar a construção identitária do grupo profissional dos jornalistas brasileiros durante a ditadura militar (1964-1985).

Dessa forma, a entrevista é sempre o resultado de interpretações negociadas pelo próprio pesquisa-

dor com vários cenários de ação: a entrevista pensada, a entrevista realizada e a entrevista restituída. Em investigações no campo do jornalismo, os pesquisadores costumam ficar mais sensibilizados a seguir ética de restituição dos resultados da pesquisa fixada no início da negociação com o respondente. É como se o pesquisador em jornalismo tomasse emprestado, desde o início e sob normas idealizadas da sua prática, o corpo das referências profissionais midiáticas, que atribuem uma atenção à editorialização e à semiotização da fala acordada, segundo quadros previamente negociados. A inspiração em práticas científicas de outros domínios daria, nesse caso, abertura a uma nova forma de se pensar aplicada à especificidade do jornalismo como campo de pesquisa. É sobre esse assunto que este número deseja modestamente contribuir.

Referências bibliográficas

- Atas do Colóquio, 2011, *Mejor* [En ligne], URL: <http://www.mejor.com.br/index.php/mejor2011/MEJOR>, Brasil, Universidade de Brasília.
- Berger, A. A., 2000, *Media and Communication Research Methods : An Introduction to Qualitative and Quantitative Approaches*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Bertrand, I. et Hughes, P., 2005, *Media Research Methods : Audiences, Institutions, Texts*, New York, Palgrave Macmillan.
- Blanchet, A. et alii, 1985, *L'entretien de recherche en sciences sociales*, Paris, Dunod.
- Bosi, E., 2006, *Memória é Sociedade : Lembranças dos velhos*, São Paulo, Cia das Letras, 13^a ed.
- Brin, C., De Bonville, J. et Charron, J., 2004, *Nature et transformation du journalisme : théorie et recherches empiriques*, Sainte-Foy, Presses de l'Université Laval.
- Chalaby, J., 1998, *The Invention of Journalism*, Basingstoke, Macmillan ; New York, St Martin Press.
- Charmillot, M. et Dayer, C., 2007, « Démarche compréhensive et méthodes qualitatives : clarifications épistémologiques », *Recherches qualitatives*, hors série n° 3, pp. 126-139.
- Charron, J. et Jacob, L., 1999, « Énonciation journalistique et subjectivité : les marques du changement », *Les Études de communication publique*, Québec, Département d'information et de communication de l'Université Laval, cahier n° 14.
- Demazière, D. et Dubar, C., 1997, *Analyser les entretiens biographiques. L'exemple des récits d'insertion*, Paris, Nathan.
- De Queiroz, J. M. et Ziotkowski, M., 1994, *L'interactionnisme symbolique*, Rennes, Presses universitaires de Rennes, coll. Didact sociologie.
- Festinger, L. et Katz, D., 1974, *Les méthodes de recherche dans les sciences sociales*, Paris, Presses universitaires de France, t. II.
- Giddens, A., 2005, *La constitution de la société : Éléments de la théorie de la structuration*, Paris, Presses universitaires de France, coll. Quadrige Grands textes, 474 p.
- Gil, A. C., 1987, *Métodos e técnicas de pesquisa social*, São Paulo, Atlas, 5^a ed.
- Grawitz, M., 2000, *Méthodes des sciences sociales*, Paris, Dalloz.
- Heinz, W. R. et Krüger, H., 2001, « Life Course : Innovations and Challenges for Social Research », *Current Sociology*, v. 49, n° 2, pp. 29-45.
- Horning Priest, S., 1996, *Doing Media Research : An Introduction*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Huberman A. M. et Miles, M. B., 1984, *Qualitative Data Analysis*, Beverly Hills, Sage Publications.
- Järvinen, M., 2003, « Negotiating Strangerhood : Interviews with homeless immigrants in Copenhagen », *Acta Sociologica*, pp. 215-230.
- Legavre J.-B., 1996, « La "neutralité" dans l'entretien de recherche. Retour personnel sur une évidence », *Politix*, vol. 9, n° 35, pp. 207-225.
- Lindlof, T. R., 1995, *Qualitative Communication Research Methods*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Mann, P., 1970, *Métodos de investigação sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- Marque de Melo, J., 2009, « Journalistic thinking : Brazil's modern tradition », *Journalism*, vol. 10, n° 1, pp. 9-27.
- Molotch, H. et Lester, M., 1974, « News as Purposive Behavior : On the Strategic Use of Routine Events, Accidents and Scandals », *American Sociological Review*, vol. 39, n° 1, pp. 101-112.

- Motta, L. G., 2005, « The opposition between mediacentric and sociocentric paradigms », *Brazilian Journalism Research : Journalism, theory, research and criticism*, SB-PJor, vol. 1, n° 1.
- Plesner, U., 2011, « Studying Sideways : Displacing the Problem of Power in Research Interviews With Sociologists and Journalists », *Qualitative Inquiry*, vol. 17, n° 6.
- Poupart, J., 2008, « A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas », in Poupart, J., Deslauriers, J.-P., Groulx, L.-H., Laperrrière, A., Mayer, R. et Pires, A., *A pesquisa qualitativa : enfoques, epistemológicos e metodológicos*, Petrópolis, pp. 215-253.
- Pourtois, J.-P. et Desmet, H., 1988, *Épistémologie et instrumentation en sciences humaines*, Bruxelles, Pierre Mardaga, 235 p.
- Ringoot, R. et Utard, J.-M., 2006, *Le journalisme en invention. Nouvelles pratiques, nouveaux acteurs*, Rennes, Presses universitaires de Rennes.
- Rogers, C. R., 1961, *On Becoming a Person : A Therapist's View of Psychotherapy*, Boston, Mifflin.
- Ruellan, D., 2006, « Corte e costura do jornalismo », *Líbero*, ano IX, n° 18, São Paulo, pp. 31-40.
- Schlesinger, P., 1992, « Repenser la sociologie du journalisme. Les stratégies de la source d'information et les limites du média-centrisme », *Réseaux*, n° 51, CNET, pp. 75-98.
- Scholl, A., 1996, « Sampling journalists », *Communications*, vol. 21, n° 3, pp. 331-343.
- Traquina, N., 2001, *Estudo do Jornalismo no Século XX*, São Leopoldo, Unisinos.
- Travancas, I. S., 1992, *O Mundo dos jornalistas*, São Paulo, Summus.
- Zelizer, B., 1993, « Journalists as Interpretive Communities », *Critical Studies in Mass Communication*, vol. 10, pp. 219-237.

